



love and hate

hiran eduardo murbach

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.org](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



LOVE AND HATE
HIRAN EDUARDO MURBACH

Contos inspirados em momentos de amor e de ódio.

Mais textos em www.hemurbach.com.br

2013

Sumário

LOVE

[NOITE PASSADA CONHECI VOCÊ](#)

[A NÃO-CIÊNCIA DE AMAR](#)

[UMA HISTÓRIA](#)

HATE

[11 DE OUTUBRO](#)

[MOEDA](#)

[FANTASIA / REALIDADE](#)

LOVE

NOITE PASSADA CONHECI VOCÊ

O dia amanhece e não consigo abrir os olhos. Eu sei que está calor porque é possível sentir a pele úmida, úmida de um suor quente e pegajoso. A janela está entreaberta, mas de nada adianta, pois não está ventando e a única coisa para que este vão serve é deixar entrar no quarto um feixe de luz que vem incidir justamente no meu rosto. Apesar disto tudo, não consigo abrir os olhos, não consigo levantar desta cama, não consigo me mover!!!

Mas, como eu posso estar assim?! Não lembro exatamente o que me aconteceu para estar num estado tão deplorável como este. E isto não é comum para mim, odeio perder controle dos meus atos, das minhas palavras, não gosto de me sentir vulnerável a ponto de realmente falar as coisas que eu penso e que eu acho, mesmo que elas estejam guardadas bem no fundo da minha mente, mesmo que sejam verdades. Mas parece-me que algo de errado aconteceu, pois já amanheceu faz tempo e eu não consegui abrir meus olhos ainda.

Sei que amanheceu faz tempo porque está muito quente. Tudo bem que estamos em março, mas mesmo assim, não costuma fazer tanto calor tão cedo nem eu costumo ficar tão encharcado. E também tem o fato que eu devo ter me deitado muito tarde, pois, até onde me lembro, devo ter chegado alta madrugada.

Até onde me lembro. Boa colocação esta. Este é o ponto principal, não me lembro de muita coisa não. Lembro de estar chegando animado, por parecer que a balada seria boa, que encontrei muitas pessoas bonitas e interessantes e que havia muita bebida. Este foi meu grande problema. Este é o grande problema de você sair de casa cansado e estressado da semana de trabalho, com o corpo dolorido e a mente sobrecarregada; você quer, o mais rápido possível, esquecer todos estes problemas e poder relaxar.

'Oi, será que eu te conheço de algum lugar?'

Certo, só que pelo jeito acabei relaxando demais. Tanto que agora não consigo abrir meus olhos e nem me mexer direito. Apenas viro de um lado para o outro o corpo, pois movimentos maiores despenderiam muita energia deste corpo agora debilitado.

E como eu pude ficar assim!? Realmente não sei. Ta certo que a noite foi boa e que acabei bebendo demais, mas, ficar tão desgastado desta maneira?!

'Sabia que você é muito linda?! Qual o seu nome?'

Não adianta lutar contra a natureza. O melhor a fazer é continuar deitado e esperar esta ressaca passar.

Ressaca. Verdade, e das fortes. A cabeça dói. Claro, é por isto que não consigo abrir os olhos, a claridade é grande demais, melhor mesmo ficar esperando.

'Adorei este seu cabelo vermelho. Eu tenho paixão por meninas de cabelo vermelho.'

Melhor tentar lembrar o ocorrido da última noite, ou última madrugada, o que seja!

A música era boa. Difícil eu ir num lugar onde toca música que eu goste. Os deuses da música realmente gostam de mim e me preparavam para uma grande noite, pois no momento que entrei no local, Chris Cornell raivosamente me dizia 'Go on and save yourself, and take it out on me'.

'Você realmente gosta deste tipo de música que está tocando?'

Uma cerveja gelada me esperava sobre o balcão, servido por uma linda garota toda vestida de negro. Sorri e ela gentilmente retribuiu meu sorriso. Resolvi andar pelo ambiente. Estava quente, abafado. Muitas pessoas circulando por um lugar que realmente não era muito grande.

Nada disto importava. Sentei em um banquinho alto, próximo à pista de dança, de onde podia tranquilamente observar o movimento de pessoas e ouvir a música sem ser incomodado.

'Não acredito!!! Eu também fui!!! O que você achou do show?'

Jim Morrison melancolicamente cantava sobre sua 'Love Street' enquanto eu levantava para pegar mais uma cerveja. Retornei ao meu lugar, meu camarote, meu porto seguro, onde podia apreciar, imponente e intocável, o fluxo de pessoas.

Havia todo tipo de pessoas, ou melhor, todo o tipo de pessoas que você poderia encontrar num local que apenas toca rock n roll. E para mim era o que importava, pois era este o local onde eu me sentia bem.

'Eu também gosto desta música, mas eu prefiro o primeiro álbum deles.'

Garotas de preto ou com roupas extravagantes, ostentando seus cabelos coloridos, seus piercings, suas tatuagens. Rapazes igualmente produzidos, com cortes de cabelo diferentes e óculos grossos, de aro preto. Portando nas mãos copos de bebida, alguns com cigarros, indo de um lado para o outro, andando ao som da música.

Mais uma cerveja. Paro para olhar a lista de bebidas e resolvo variar um pouco. Peço um drink de absinto e soda, vamos ver se faz efeito agora.

'Já te disseram que você tem um sorriso lindo?'

Deve ter sido aí que tudo começou. Não adianta, eu sou fraco mesmo. Deveria ter ficado só na cerveja mesmo, mas não, tinha que pegar uma dose de absinto?! Estou começando a entender o que ocorreu.

'Adorei esta flor de lótus, muito bem feita. Você tem outras?'

Tomaram meu lugar. Acho melhor não circular com o copo por aí, pode derrubar em mim. Encosto na parede e continua a observar.

Nestes momentos que percebo que tenho uma alma um tanto voyeur. Satisfaço-me em ficar observando quem passa, tentando analisar cada um pela roupa, pela aparência, pelo modo de andar e se portar.

'Posso te fazer uma pergunta que pode soar um pouco indiscreta?!

Deixo o copo vazio e pego mais uma cerveja, novamente com a linda garota. Mais um sorriso, mas uma retribuição.

Adentro pela primeira vez ao ambiente conhecido como 'pista de dança'. A pesada e maravilhosa linha de baixo de 'Aerials' faz com que eu acompanhe com a cabeça os movimentos da música.

Não é necessário saber dançar, basta deixar se levar pela música, deixar ela fluir...

'Olha, se você quiser eu vou embora ta?! Não quero ser inconveniente.'

Mais uma cerveja, antes uma rápida passagem pelo banheiro. Sinto que estou começando a ficar meio grogue. Animado, mas grogue.

Uma dose de vodka, mais uma cerveja.

'É que eu te achei linda...'

Nossa Senhora. A cabeça dói mais ainda só de lembrar. Como eu fui burro. Mas e quem disse que bêbado tem noção?!

Prometo que eu nunca mais vou beber na minha vida.

'...e não só isto, muito legal e interessante...'

Minha enésima cerveja, já estou andando meio torto, mas tudo bem, o lugar está ótimo e eu moro aqui perto mesmo, meu carro já sabe de cor o caminho para casa.

E nisto eu vi alguém que eu não tinha reparando antes. Como pude?!

Ela não deve ser muito alta, botas pretas até pouco abaixo do joelho, uma saia igualmente preta, proporcionalmente acima do joelho, uma blusinha branca, deixando perceber o contorno dos seus - belos - seios, um rosto que era uma mistura de angelical com pecador e, para completar, cabelos de um forte vermelho na altura dos seus ombros, onde podia perceber que havia uma tatuagem colorida, cuja não era possível ser identificada no momento.

'...estou adorando conversar com você...'

Não pode ser verdade o que estou vendo, deve ser apenas uma ilusão. Ela não pode existir de verdade. No exato momento em que ela coloca, suavemente, um copo de uma bebida vermelha em sua boa, meu

velho companheiro de baladas, o senhor Ian McCulloch, sussurrou nos meus ouvidos 'Lips like sugar, sugar kisses'

Era o que eu precisava. Ele me mandou, eu fui, mesmo sabendo que alguma coisa não iria dar certo. Mas fui.

'...e amei mesmo te conhecer...'

Verdade, como pude me esquecer!!! Aquela linda garota de cabelos vermelhos. Fui realmente falar com ela - eu acho. Só podia estar bêbado, em sã consciência jamais teria coragem, o que um anjo como aquele poderia querer comigo?!

Ah, mas tenho certeza que tomei um fora, pois não consigo me lembrar de nada depois disto e eu já estava muito ruim. Como dói minha cabeça!!!

'...portanto...'

Aproximei-me, respirei fundo, segurei firmemente minha garrafa de cerveja, esperei ela retornar o copo na posição original e parei em frente dela.

Sorri.

'...posso te dar um beijo?!'

Minha cabeça!!! É isto mesmo!!! Como eu pude ser tão patético. É por isto que eu não gosto de beber.

Agora eu tenho certeza do que aconteceu, tomei um fora e resolvi voltar pra casa, antes que não conseguisse mais dirigir. Verdade. E outra coisa... será que ela existiu mesmo?! Acho que estou fantasiando. É verdade, acho que ela nem existe.

Não pode existir alguém assim, tão linda, com tão bom gosto musical e outros, tão perfeita. Eu tenho que parar com esta história, principalmente com isto de cabelo vermelho e tatuagem. Ela não existe!!!

Depois desta melhor abrir o olho e tomar uma boa ducha.

Levanto com muito esforço, ainda de olhos fechado. Espreguiço-me, as juntas estalam. Estou vendo que hoje o dia vai ser pesado.

Melhor abrir o olho e observar no rádio relógio o horário. 12h32. Tarde... espera!!!

Na minha cama vejo, além da desarrumação de uma turbulenta noite de sono, um corpo alvo e lindo, precariamente coberto por um fino lençol branco, deixando transparecer sua nudez e, estando dormindo suavemente, um brilhante cabelo vermelho repousando sobre um travesseiro.

Fecho os olhos mais uma vez e decido ir tomar um banho.

Enquanto a água fria do chuveiro cai sobre meu corpo suado penso: 'não pode ser verdade!!! Não posso me apaixonar por um sonho, por alguém que não existe, isto já está indo longe demais.'

E nada que um banho frio não cure. Ainda bem.

A NÃO-CIÊNCIA DE AMAR

Sabe aquela sensação que você tem de que conhece alguém tão bem, que parece que sempre a conheceu? Então, é assim que eu sinto em relação a ela. Tenho inefável sensação de que ela habita e transita pela minha vida desde que o início dos tempos, desde o primeiro sopro que verteu dos meus pulmões, desde que o primeiro raio de sol iluminou e aqueceu meu dias.

Parece que ela nunca não existiu na minha vida, pois não mais consigo conceber viver sem ela. Não consigo me lembrar como era antes dela, como eram meus dias, como era a minha rotina. A sensação que tenho é que antes disso, eu nunca tinha sentido nada, meu coração era um verdadeiro bloco de pedra bruta, e qualquer coisa perto disto era algo tão efêmero e insípido como uma leve brisa num dia de verão.

Estou completamente apaixonado. Apaixonado por tudo nela, pelos seus cabelos, pelos seus olhos, pelos seus sorrisos, pelo seu jeito de olhar, pelo seu jeito de falar. É um amor tão grande e tão profundo que chega a ser casto, até um tanto vouyer. Amo ficar admirando-a, a forma como ela se move, como ela conversa e sorri.

Mas é estranho, da mesma forma como eu sinto que a conheço desde sempre, eu lembro como se fosse ontem, e em detalhes o dia que a conheci, que a vi pela primeira vez. Era uma segunda-feira, eu entrei no ônibus para o trabalho, como fazia todos os dias há quase dois anos, no mesmo horário de sempre, quando a vi, em pé, no corredor, segurando-se para não cair com os movimentos bruscos. Ela estava linda, tão linda como é até hoje.

Seus cabelos castanhos e lisos desciam abaixo dos seus ombros, dividindo-se entre seus peitos e suas costas, soltos, indomáveis. Usava um vestido azul claro, que deixava seus braços e pernas alvas à mostra, mas que também delineava teu corpo delicado, tão delicado como suas mãos. Não usava maquiagem alguma, pelo menos não uma aparente, nada que eu conseguisse detectar.

No exato momento em que meus olhos se dirigiram à ela, aconteceu aquilo que os contos de fadas chamam de ‘amor a primeira vista’. Naquele exato instante eu tive a certeza que aquela linda mulher seria o grande amor da minha vida, a única dona do meu coração, dos meus sentimentos e de todas as minhas atitudes, a mãe dos meus filhos e a companhia para todos os momentos, felizes ou não.

Podem me chamar de piegas, mas tal é incontrolável. Durante as mais de duas décadas que vivi antes daquele dia, achava que o amor era apenas um casamento entre a amizade e o tesão, e até então jamais havia pronunciado a frase ‘eu te amo’ para qualquer pessoa, o que fez com que aquele sentimento fosse mais real, como se tudo que tivesse represado durante este tempo todo inundasse meu corpo com uma violência impar, não deixando nada intacto, mudando completamente a paisagem no meu coração.

Também dizem que o tempo se encarrega de levar embora todo e qualquer amor, como um castelo de areia que, grão ante grão, voa em direção ao mar, se desconfigurando, até desaparecer, como se nunca tivesse existido. Não, cada dia que passava esse amor ficava mais forte, transformando as areias desde castelo no mais rígido cimento.

E é essa a história do meu grande amor, a história a ser contada nos romances, nos filmes, a história de um cara que se apaixonou loucamente por uma mulher que via no ônibus para o trabalho, todos os dias, uma história que começou há mais de um ano, mas que ainda não terminou, e nem tem data para terminar, uma história que só aguarda a minha coragem para ter finalmente um final feliz. A minha coragem de chegar até ela e dizer tudo o que eu sinto, tudo o que eu acabei de dizer para vocês. Até lá, só me resta admirá-la, e amá-la a distância.

UMA HISTÓRIA

Esta história me foi contada algum tempo atrás por uma pessoa muito querida, que por sua vez a ouviu de outra pessoa, que ouviu de outra, e de outra, e de outra, desde o início dos tempos, quando o mundo era muito diferente do que é agora. Neste mundo, mais puro, vivia um caçador. Na verdade ele não era um caçador, era um homem que morava sozinho numa casa de madeira no meio de um bosque e que, por isso, precisava caçar para comer, o que faz dele um caçador para nossos limitados olhos, mas ele também era um pescador, um lenhador, um plantador, um marceneiro.

E talvez seja agora chamado de caçador porque no dia específico que esta história começa (e é história mesmo, porque a primeira pessoa que a contou jura que é real, e esta afirmação continua a segui-la boca após boca) o homem estava com uma velha espingarda, velha para nós, mas nova para aquela época, procurando algum animal para abater e, depois, comer. Mas o dia não estava bom, e após vagar por cerca de duas horas, cansado, sentou-se por alguns instantes em uma pedra na beira de um riacho, para recuperar o fôlego. E foi neste momento que ele viu uma das mais belas criaturas que já tinha visto naquele bosque, uma pequena e delicada borboleta azul.

Já vira milhares de borboletas por aquele lugar, tantas que as ignorava, mas aquela era diferente, por algum motivo. E ficou a observá-la, ao longe, enquanto a mesma dançava no ar, em um espetáculo mágico. Ela se aproximava dele, voava na altura dos seus olhos e se afastava, fez isto algumas vezes e desapareceu.

O homem então se levantou, e ainda maravilhado pela pequena criatura, retomou a busca pela caça. Alguns dias depois, passando pelo mesmo local, viu a mesma borboleta, no mesmo balé aéreo, sozinha, como se fosse a imperadora suprema dos céus. O homem chegou mais perto dela e, instintivamente, estendeu o braço para que lá ela pousasse.

A borboleta se aproximou, voou perto, até que, simplesmente pousou em seu braço, na altura do pulso. Ele a aproximou dos seus olhos, e pode notar com precisão seus detalhes. Ela era pequena, pequena mesmo para uma borboleta, tinha um corpo esguio e um par de asas extremamente delicadas, mas com um tom de azul e com detalhes os quais ele nunca havia presenciado antes. Porém, passados alguns momentos, a borboleta decolou rumo ao nada e sumiu.

Tal situação se deu mais algumas vezes, e a cada vez a borboleta ficava mais tempo pousada nas mãos do homem. Até que um dia ele resolveu que iria levá-la para casa pois, apesar de pequena e delicada, estava maravilhado por ela, e não queria mais apenas vê-la esporadicamente. Levantou-se e dizendo para ela não se preocupar, começou a andar em direção à sua cabana.

A borboleta parecia tê-lo entendido pois, até entrar em sua cabana, ficou imóvel para, lá, voar novamente, dentro da pequena morada. O homem estava encantado com tão linda criatura perto dele, não podia conter a sua alegria. Só que, algum tempo após, a borboleta pousou no parapeito da janela e, ele teve certeza q ela lhe olhava diretamente nos olhos.

Percebeu então que não poderia ter a borboleta. Estava claro em seus pequenos olhos, como se ela conversasse com ele (ele juraria após que a borboleta realmente conversou com ele, de alguma forma que não sabe explicar como) e o explicou que não poderia viver ali. Ela lhe disse que também estava encantada com a forma como ele a tratava, mas ela não poderia viver ali naquele momento. E voou.

O homem ficou muito chateado, magoado até, mas percebeu que seria o melhor naquele instante. Ele estava apaixonado pela borboleta, só que a entendia. Por outro lado a borboleta deixara aquele local com extremo pesar, mas tinha certeza que sempre encontraria lá, naquela pequena cabana, um porto seguro, um local onde ela poderia pousar e descansar, sem correr perigo algum.

Diz a história que a borboleta voltou algumas vezes para lá e, ela e o homem conversavam daquela forma que só eles sabiam como era. Só que, quem me contou a história não soube me dizer se algum dia a borboleta voltou para o homem, para a cabana. Se esta parte foi contada, se perdeu em algum lugar no tempo e no espaço, deixando este final não contado.

Então, só nos resta imaginar o final, cada um a sua maneira. Eu, pessoalmente, acredito que, um dia a borboleta voltou. Mas não sei, acho que sou apenas uma pessoa sentimental e que acredita em finais felizes, será que existe espaço para isto no mundo de hoje?

HATE

11 DE OUTUBRO

O dia 11 de outubro não tem nada de especial. Não é feriado, não é data cívica nem religiosa, muito menos algum fato significativo se deu nesse dia, pois nunca em meus 48 anos de vida eu tinha reparado nele. Não foi nesse dia que transei pela primeira vez, nem foi nessa data que conheci a namorada que um dia veio a se tornar a minha esposa, num casamento que não se realizou nessa data, também.

E esse dia 11 de outubro não teria motivo nenhum para significar algo, até porque era uma segunda-feira ordinária, como outra qualquer, chuvosa e de trabalho. Levantei-me no horário habitual, ou seja, muito cedo, tomei um banho, coloquei o meu terno, tomei o café que minha esposa havia preparado, dei um beijo nela, nos meus dois filhos que tinham acabado de acordar para irem à faculdade, entrei na garagem, liguei o carro e parti.

O meu dia funcionava praticamente todo ele no automático, desde a hora que eu acordava até a hora de dormir. Comia porque precisava comer, trabalhava porque precisava trabalhar, eu já nem pensava no que fazia, muito menos o motivo pelo qual eu fazia. Apenas fazia.

E, como toda vida ordinária, eu tinha um emprego ordinário. Sabe aquela pessoa que tem um cargo num banco, que trabalha nele há muito tempo, por isso domina todas as situações que possam existir, mas que por outro lado não tem ambição alguma em alcançar algo maior, uma vez que o que já conquistou até agora é o suficiente? Este sou eu.

A distância entre o lugar que eu fico durante o tempo que não estou trabalhando (conhecido como casa) e o lugar que eu fico enquanto não estou em casa (conhecido como trabalho) é geograficamente curto, dois ou três quilômetros, no máximo, mas nessa São Paulo dos anos 2000, onde a cada dia milhões de novos carros brotam do nada e a porra do transporte coletivo definha, o tempo é relativo. Relativamente demorado pra cacete.

E quando chove ainda? Daí mesmo que quem não costuma usar o carro resolve usar. Ligo o rádio para saber as notícias da manhã e as condições de tráfego. Acidente na 9 de Julho, motoqueiro atropelado na Avenida do Estado, colisão de caminhões na Marginal, inundação bloqueando uma faixa da Aricanduva. Fora os buracos, esses que surgem em progressões geométricas.

Como alguém pode exigir algum ânimo de uma pessoa que vive isso cinco dias por semana? De alguém cuja vida se divide em apenas quatro ambientes: a mesa de trabalho, o banco do carro, o sofá da

televisão e a cama.

E o pior ainda é que a cama é apenas pra dormir mesmo, porque sexo que é bom eu já nem me lembro como funciona. Lembro do meu frescor da juventude, quando nós éramos recém casados, que trepávamos em todos os cantos, a todos os momentos. Éramos insaciáveis e acreditávamos que o fogo iria durar para sempre, mas depois de um certo tempo, nem Viagra salva e nem lembro qual foi a minha última trepada que não tenha sido um papai e mamãe de cinco minutos. Tira a roupa, mete, fode, goza e dorme.

Desço rampa, desço outra, rodo até encontrar um lugar vazio, pego minha pasta, caminho até a recepção, passo meu crachá para liberar a entrada, espero o elevador, continuo esperando o elevador, me espremo para entrar nele, aperto o botão do oitavo andar, ele pára no primeiro subsolo e entra gente, ele pára no térreo e entra gente, ele pára no primeiro e desce gente, ele pára no segundo e desce gente, ele pára no terceiro e desce gente, ele pára no quarto e desce gente, ele pára no quinto e desce gente, ele pára no sexto e desce gente, ele pára no sétimo e desce gente, ele para no oitavo e desço eu, cumprimento a recepcionista, caminho por entre as baias até a minha, a quarta do terceiro corredor à direita, tiro o paletó, sento na cadeira, coloco minha pasta no canto, ligo o computador e desligo a minha vida. Não dá, percebo que ela já está desligada. A vida, não o computador, esse já ligou.

Não me diferencio muito do personagem do Charlie Chaplin em Tempos Modernos, com a única diferença que uso um terno no lugar de um macacão e uma HP no lugar de uma chave de boca.

Olho no calendário e vejo que ele aponta o 11 de outubro. O que é o 11 de outubro, senão a véspera do dia das crianças. Sei também que é um dia santo, alguma coisa a ver com Nossa Senhora, mas eu não sou católico faz tempo e, como meus filhos não são mais crianças, então não é nada mais do que a véspera de um feriado, que dessa vez caiu numa segunda-feira e está chovendo.

Na hora do almoço, alguma coisa passada da uma da tarde, vou até algum restaurante que seja perto e não esteja tão lotado. Vou não porque eu quero, mas tem uma hora que teu estômago pede para que você se levante e tome uma atitude, pois já diz o ditado que saco vazio não pára em pé, e pelo jeito nem sentado.

O pessoal na mesa comenta sobre o dia chuvoso, os planos do feriado de amanhã, o nabo que o coringão levou no final de semana e o filho da puta do dono do banco, que mesmo com o rabo cheio de dinheiro alheio, não deixou a gente emendar o feriado. Eu concordo, se bem que se não trabalhasse provavelmente passaria coçando a minha barriga gorda defronte a TV o dia todo.

Por falar em barriga, isso é outra merda da passagem dos tempos. Se não bastasse o pinto que não tem mais interesse em funcionar e os cabelos que querem cair, esse ser insiste em crescer dentro de mim, tal

qual os Aliens naquele filme antigo, deformando o físico que um dia eu me orgulhei de ter. Claro que o churrasco, a cerveja e a macarronada nada têm a ver com isso, pois não é justo eu me privar de um dos poucos prazeres que ainda possuo.

E por falar em prazeres da carne – gastronomicamente falando, claro – a única coisa que me dá prazer numa segunda é o viradinho servido em todos os restaurantes e PF's da vida.

Números, números e números. Gráficos, gráficos e gráficos. Tabelas, tabelas e tabelas. Fórmulas, fórmulas e fórmulas. Novo, salvar e fechar.

Hora de ir embora. É como pegar o filme gravado pela manhã e colocar no rewind. Desligo o computador, pego a pasta no canto, levanto da cadeira, coloco o paletó, caminho por entre as baias até a saída, a recepcionista já foi embora, espero o elevador, continuo esperando o elevador, ele pára e já está lotado, não entro, continuo esperando o elevador, me espremo para entrar nele, o botão do segundo subsolo já está apertado, ele pára no sétimo e entra mais gente, ele pára no sexto e entra mais gente, ele pára no quinto e não entra ninguém, porque já está lotado, ele pára no quarto e não entra ninguém, ele pára no terceiro e não entra ninguém, ele pára no segundo e não entra ninguém, ele não pára no primeiro, porque esses malditos sortudos podem descer pela escada, ele pára no térreo e desce gente, ele pára no primeiro subsolo e desce gente, ele pára no segundo subsolo e desço eu, passo meu crachá para liberar a saída, caminho até meu carro, coloco a pasta no banco do passageiro, saio da vaga, subo rampa, subo outra, estou na rua.

A chuva passou, e o trânsito nem está tão ruim, afinal é véspera de feriado, mas mesmo assim enche o saco dirigir até minha casa.

Paro num semáforo, estou entretido procurando alguma coisa no rádio quando ouço um estouro ao meu lado. Olho e vejo o vidro do passageiro do meu lado estourado, e uma mão puxando minha pasta. Mecanicamente, viro meu corpo para impedir e escuto outro estouro.

Agora para mim o dia 11 de outubro tem um significado especial, pois foi o dia em que eu morri, vítima de uma bala na cabeça em um assalto no trânsito. Mas para todas as outras pessoas, o 11 de outubro continua sendo apenas véspera de um feriado. Um dia insignificante qualquer.

MOEDA

É um quarto escuro, se bem que chamar isso aqui de quarto é exagero, melhor dizer que é um cômodo de uns dois por dois, sem janelas, com paredes mal caiadas, chão de terra batida, um monte de tralha espalhada pelo chão e um indefectível cheiro de podridão.

Também, pelo lugar que eu estou, não poderia esperar mais do que isso. Se eu sair pela pequena porta que há numa das paredes, a única coisa que se vê em quilômetros é o meu carro estacionado, uma pequena e horrível estradinha de terra por onde eu vim e mato por todos os lados. Se existe alguma coisa que pode ser chamada de meio do nada é isso aqui. Muito longe de algum ser vivo e pensante e muito mais longe de qualquer coisa que possa ser chamada de civilização.

Quando eu me pergunto o que eu estou fazendo num lugar desse, vejo uma pessoa amarrada de joelhos no chão e me lembro. Estou aqui porque realmente não quero ser incomodado.

Voltando ao ser amarrado, é um homem de uns quarenta e poucos anos, com um terno fino que agora está sujo e amarrotado e uma aparência aterrorizada. Gotas de suor descem pela sua careca vermelha, caindo por sobre seus olhos arregalados. Tenho certeza que se não estivesse amordaçado, na certa estaria clamando por alguma coisa. Bem, deve ser divertido vê-lo implorando, por isso resolvo tirar a mordaca.

- O que você quer comigo? O que estou fazendo aqui? Eu não tenho dinheiro, por favor, me solte.

Filho da puta, vem falar que não tem dinheiro agora? E não me contenho e lhe dou um chute que pega na sua clavícula e o derruba. Com as mãos amarradas às costas e as pernas também, é impossível ele se levantar. Deixo-o caído, com a sujeira do local impregnando em sua pele suada.

- O que eu fiz? Por favor, eu imploro, me deixe ir embora.

O que eu mais odeio nesses sujeitos é a cara de pau deles! Como ele vem dizer que não sabe o que fez? Eu tenho vontade de chutá-lo novamente, no estômago, mas me contenho, retendo o movimento de minha perna e observando a sua cara contraída de desespero.

Fico olhando diretamente para ele, olhos nos olhos, enquanto o filme da minha vida recente passa em minha mente, apenas para me deixar com mais raiva. Minha vontade era de matá-lo nesse exato momento, mas daí qual graça teria? Ele morreria sem sofrer e eu não teria minha vingança.

Não, minha vingança não seria pura e simplesmente matá-lo, e sim fazê-lo sofrer, assim como ele me fez sofrer, por meses, anos. Esse filho da puta desgraçou a minha vida e da minha família e, vai sofrer por isso.

Abaixo-me e me aproximo dele, seguro-o pela orelha e o levanto, pondo-o na posição original. Ele grita, pede por socorro. Então, pela primeira vez falo com ele, num tom baixo e raivoso:

- Pode gritar, ninguém vai te ouvir.

Lembro que ele não sabe onde está. Provavelmente a última lembrança mais clara que ele tem remonta a mais de uma hora atrás, quando ele estava saindo de um restaurante onde costumava almoçar e seguiu pelo caminho que costumava fazer até seu escritório. É esse o problema de se ter uma rotina, você pode planejar com mais tranquilidade. Isso me permitiu que o interpelasse numa quadra que eu tinha certeza que estaria deserta, como estava, me aproximasse com um pano embebido de éter – sim, é um clichê que funciona perfeitamente – e, dopado, colocasse-o no banco do passageiro do meu carro insufilmado. Andei um pouco e, quando cheguei num lugar vazio, amarrei-o com fitas, amordacei-o e joguei-o no porta-malas, de onde só saiu quando aqui chegou, pouco antes de despertar.

Ele gritou mais uma vez e dei-lhe um soco, com toda vontade, derrubando-o novamente. Minha mão doeu, mas com certeza sua cara doeu muito mais, até porque o vi cuspidando dois dentes e o sangue escorrendo num filete saindo de sua boca.

Levantei-o novamente, essa coisa dele cair já estava me cansando.

- Por favor, pára de me bater. O que eu fiz? Eu juro que não fiz nada!

Como ele pode dizer isso? Uma pessoa que faz o que ele faz com certeza tem muitos inimigos e, se não fosse eu aqui e agora, com certeza seria outro.

- Você tem certeza que nunca fez nada de errado?

- Tenho sim... – e começou a chorar.

- Vou te perguntar pela última vez: tem certeza que nunca fez nada de errado?

- Sim, eu sou apenas um consultor...

- Filho da puta! – eu não agüentei mais tanto cinismo e meti-lhe outro chute na clavícula, com toda a força do meu ódio. Ouvei o barulho de algum osso se quebrando, quase ao mesmo tempo em que ele dava um grito abafado.

Dei um passo à frente e pisei exatamente onde havia chutado. A dor deveria ser insuportável, e como queria que ele ouvisse o que eu tinha à dizer, tirei o pé.

- Odeio cinismo. Quer dizer que você é apenas um consultor?

- Si-i-im... – disse ele gaguejando, talvez pelo medo, talvez pela dor, não me importava.

- E só faz negócios dentro da lei?

- É...

- E você nunca prejudicou ninguém? Nunca abusou da boa fé de ninguém? Nunca roubou ninguém?

- Cl-l-ar-o-o que n-n-ã-nã-o...

Para mim aqui foi demais, virei-me de costas para ele, com a mão direita apoiando a minha testa, não acreditando naquilo que tinha ouvido. O cara estava amarrado, estava sendo espancado e, mesmo assim, mentia. Era demais para mim.

Peguei no canto do cômodo um cano de cobre, velho, com cerca de um metro de comprimento e bastante pesado. No que me virei de volta pude perceber o terror em seus olhos. Aproximei-me novamente e disse:

- Sabia que a dor de um joelho quebrado é uma das mais insuportáveis que existe?

E antes que ele pudesse dar alguma resposta, bati-lhe com o cano em seu joelho esquerdo, com força mais do que suficiente para quebrá-lo. Nesse momento o grito não foi abafado e sim desesperado. Com certeza se houvesse alguém perto teria ouvido.

Mas não havia ninguém perto, então encostei uma extremidade do cano no chão e, apoiando as mãos na outra, esperei que ele parasse de gritar e abrisse os olhos. Ele resmungou alguma coisa, mas a dor devia ser muita para conseguir formular alguma frase.

- Você não deveria mentir para mim.

Ele parou de gemer e parecia prestar atenção no que eu dizia, aparentemente tentando entender o motivo de tanto ódio e tanta violência.

- Certo, se você não mentisse, provavelmente também estaria apanhando, mas acho que um pouco menos, com menos ódio.

Ele continuava a me encarar.

- Você jura que não sabe por que está aqui hoje?

Fez que não com a cabeça. Tive que me segurar para não bater com o cano na sua cabeça.

- Tem certeza?

Dessa vez o sim com a cabeça foi seguido de um chute na boca que, com certeza, quebrou muito de seus dentes.

Levantei-o pela terceira vez, mas com o joelho quebrado, ele não conseguiu permanecer ajoelhado, motivo pelo qual arrastei-o até uma das paredes, escorando-o.

- Você sabe as filhadaputices que fez, portanto sabe por que está apanhando. Só não deve saber por quais dela está.

Saí, fui até o carro, peguei uma pasta com alguns documentos e voltei. Abaixei-me para que meus olhos

ficassem no mesmo nível que o dele, peguei alguns papéis da pasta e mostrei para ele.

- Reconhece isso? É sua assinatura, não?

Seus olhos mais uma vez esbugalharam. Mostrei outros documentos que ele reconheceu como sendo dado por ele. Tudo bem que ele não conseguia falar nada com a mandíbula quebrada, mas não havia necessidade.

- Agora você sabe por que está apanhando. E porque vai apanhar mais. – e com isso bati com o cano no outro lado de sua clavícula, quebrando diversas costelas. Só não caiu porque estava bem encostado.

- Antes de eu chegar aqui, meu plano era te matar, mas daí eu percebi que seria pouco para você, não teria sofrimento algum, seria praticamente uma dádiva após tanta merda que você fez para tanta gente. Porém, se eu te deixar sair vivo, você vai voltar a foder outras vidas, e não posso permitir isso.

Ele com certeza queria me dizer algo, mas os ossos quebrados não permitiam. Mas se pudesse com certeza estaria implorando pela vida.

- Mas veja bem, você está com um joelho, diversas costelas e a cara quebrados, mesmo que escape vivo, vai viver uma vida miserável, dessa forma, morrer pode ser uma boa pra você. Então, vamos fazer o seguinte, vou te deixar aqui, se der sorte de alguém aparece para te socorrer, bom pra você.

Seu olhar aumentou de desespero agora. Tentou se mexer, mas a dor não permitia, tentou falar mas a falta de articulação na mandíbula só permitia alguns gemidos. Cheguei perto, recoloquei a mordaca, tirei um pouco da terra do seu terno, recolhi meus papéis e o cano e fui saindo pela porta. Nela, virei-me:

- Eu não contaria com a sorte não, pois aqui não costuma vir ninguém por semanas, eu já pesquisei isso. Por isso, a sua sorte vai ser morrer rápido e sem sofrer muito, provavelmente por alguma hemorragia interna. Mas pode durar alguns dias, nunca se sabe. Boa sorte.

E saí, entrei no meu carro, dei a partida e fui embora.

Os olhos não abriam, a cabeça doía e o corpo também. Difícil estava descobrir onde não doía. A sensação era uma mistura com espancamento com uma overdose de drogas, pois a dor era física e mental, sentia cada célula do corpo, de uma maneira nem um pouco agradável. Ainda de olhos fechados, tentava se lembrar de onde estava. Tentava puxar mentalmente a sua última lembrança, mas estava difícil. Tentou mexer os braços, mas percebeu que estava amarrado.

Algumas imagens começaram a pipocar em sua mente. Ele chegando ao aeroporto de uma cidade desconhecida, com outra língua. Cartazes e placas desencontradas, em palavras incompreensíveis.

Recomeçou a ter domínio dos movimentos, e estava sim amarrado, os dois braços para cima, meio em forma de X, sendo que eles praticamente sustentavam seu corpo. Abriu os olhos com dificuldade, mas não serviu para muita coisa, pois estava escuro, mal podendo diferenciar vultos.

O lugar tinha um leve aroma de ferrugem com mofo, e não havia vento algum, nem barulho, o que o levava a crer que estava em algum local fechado e distante de qualquer local movimentado. E conforme a visão ia se adequando à escuridão, pôde perceber a sua frente um contorno que parecia uma porta, mas nenhuma janela. As paredes pareciam sujas, de um local sem limpeza e antigo. Abaixou um pouco os olhos e pôde ver melhor como estava.

Com os braços estendidos para cima, a única coisa que o mantinha ereto era uma corda amarrada em seu peito a uma estrutura de madeira ou algo assim. Seus pés estavam suspensos, também amarrados, sem poderem tocar o chão. E estava nu.

O que era aquilo, e como ele foi se meter em uma loucura como aquela? As memórias começaram a se compor, e lembrou que estava em férias, e resolveu visitar uma conhecida em um país distante. Conhecida era modo de dizer, se conheceram na internet, e logo a conversa descambou para putaria. Tiveram conversas eróticas por alguns meses, e quando surgiu uma oportunidade de viajar, resolveu fazer um pequeno desvio e conhece-la.

Pelo que ele tinha visto nas fotos e nos vídeos, ela era bonita e gostosa, então viu nisto uma grande oportunidade de conhecer um país fora dos roteiros turísticos e ainda fazer sexo com uma estrangeira.

Daí em diante, na memória mais recente, as imagens ficavam mais confusas. Lembrava do aeroporto, de pegar um ônibus ou trem, algo assim, de encontrar uma mulher que aparentemente seria esta conhecida, de chegarem em algum lugar. Mas estava cada vez mais difícil juntar as peças do quebra cabeças.

Levantou a cabeça um pouco mais rapidamente e sentiu como se fosse uma pontada. E um gosto amargo na boca. Com certeza tinha sido drogado, e por algo muito forte, pois a ressaca esta fortíssima.

Enquanto sentia isso, ouviu um barulho vindo a porta, do trinco. Ela se abriu lentamente, mas não sem ranger, e por ela entrou uma mulher vestida apenas com um avental branco, ou uma cor clara, pelo que conseguia ver. Era a mulher que ele encontrara antes e com quem conversara pela internet.

- Olá, como está? – disse em um inglês fortemente carregado de um sotaque que não conseguia distinguir.

Como não respondeu nada, mais por falta de condições de dizer algo do que de outra coisa, ela se

aproximou. Colocou os dedos em seu queixo e levantou sua cabeça, olhando para seus olhos quase fechados e dizendo: - Está se sentindo bem?

Com a proximidade, pode ver que seus olhos eram claros, assim como a sua pele, contrastando com os cabelos escuros, que estavam presos em um rabo de cavalo. Tinha um aroma suave, que se misturava com o cheiro da sala e, que em qualquer outra situação, seria agradável. Porém, neste momento, a única coisa que ele tinha vontade era de vomitar. E de sair dali, onde quer que ele estivesse.

Apesar de não saber de nada, nem se lembrar, boa coisa aquilo não era, e também não conseguia sentir boa coisa vindo dela. Com um leve sorriso no rosto, que poderia até ser chamado de doce em outro dia, ela o encarava.

- Está escuro aqui, não? – E dizendo isto, acendeu as luzes do local. No momento em que elas foram acesas, a sua primeira reação foi fechar fortemente os olhos, pois seus olhos drogados estavam apenas habituados com a escuridão.

Aos poucos, foi se acostumando e pode, enfim, abrir os olhos e ver onde exatamente estava. Como tinha percebido, era uma sala aparentemente pequena, com apenas uma porta e paredes sujas e descascando. No local não havia nenhum móvel, apenas uma pequena mesa, a sua direita, onde estavam alguns objetos que não conseguia identificar, e a tal mulher. Ele estava em pé, de braços cruzados, observando-o com o mesmo sorriso de antes.

Como já sabia, era uma mulher bonita, nada de extraordinário, mas bonita. Magra, mais para pequena, tinha um par de seios pequenos que estavam cobertos pelo avental, que mais parecia um daqueles de açougueiro, de um branco quase brilhante. Notando, parecia que não estava usando mais nada.

- Agora sim, está se sentindo melhor, né? – Não sabia se ela estava realmente preocupada com ele, ou se tinha algum outro plano em mente. Acreditava mais na segunda opção.

- O que aconteceu? – Perguntou sofregamente, com a voz quase não saindo, em sua língua.

- Em inglês, que eu não entendo este idioma.

Respirou fundo, e tentou formular as palavras no inglês. E então perguntou o que era aquilo, e onde estava.

Ela então se aproximou dele, com o seu perfume nauseante, e falou baixo, quase em seu ouvido: - Não se lembra de nada mesmo? – E com a resposta negativa com a cabeça, se afastou um pouco e começou a falar:

- Não se lembra que a gente conversava pela internet, e todas aquelas coisas que conversávamos? – com o assentimento com a cabeça, ela continuou: - E das coisas que eu dizia que iria fazer com você, que iria te amarrar, e comer você, pedacinho por pedacinho?

Lembrava-se destas conversas, mas achava que eram apenas coisas que ela dizia para esquentar, uma fantasia.

- Pois bem, é isto que eu pretendo fazer agora. Já sei, deve estar pensando que eu estava apenas brincando, que era uma fantasia, não? Pois é, era uma fantasia mesmo, que eu tenho, e que eu vou realizar agora.

E antes que ele pudesse dizer qualquer coisa, ela colocou uma fita em sua boca, impedindo qualquer som que pudesse sair dela. Agora ele estava entrando em pânico, pois se tocara que as coisas naquela mesa eram facas e tesouras.

- Lembra quando conversávamos, e eu dizia que iria te comer inteiro? Você dizia que iria gostar, então por que não relaxa e curte? Você vai se satisfazer. – Ela então começou a passar a boca pelo seu corpo, dando pequenas mordidas no início, mas logo as substituindo por mordidas mas fortes, que causavam muita dor.

- Não fique com essa carinha de dor não. Pode doer um pouco, mas faz parte do prazer. – E então deu uma mordida no ombro que arrancou um pedaço. Quando conseguiu abrir os olhos novamente, percebeu que a pele clara de seu rosto estava manchada de vermelho. Era sangue, o seu sangue.

- Você realmente é uma delícia, como eu imaginava. E sua carne é saborosa. Vou me deliciar muito com isto. – E continuou com as mordidas.

A dor era insuportável, e vinha de todas as partes. Sentia o sangue escorrendo pelo seu corpo, e ela estava com a boca inteirinha suja, assim como seu avental.

- Conforme eu tinha lhe dito, agora eu vou querer uma parte especial sua, seu pênis. – Ao ouvir esta última palavra, sentiu um arrepio pela espinha. Vendo que ela foi até a mesa e pegou uma faca, entrou em pânico total.

- Não adianta tentar fugir, você está muito bem amarrado. Por que não relaxa e curte? Eu não disse que iria cortá-lo e guardar para mim, para sempre? – E se aproximou novamente, tocando-o. Ele então percebera que seu pau começa a ganhar vida, apesar de tudo. Tentava controlá-lo, mas não conseguia.

- Você deve estar pensando no porque isto está acontecendo, porque não tem controle nele, não é? Acontece que, dentre outras coisinhas, e te dei um remédio que faz com que ele seja meu agora. – E assim era, ele estava completamente duro, nas mãos dela.

Acariciava-o, suavemente. Passou então a masturba-lo, com vontade. Ajoelhou-se, olhou para cima, com um sorriso que misturava o diabólico com o angelical, e passou a chupá-lo. Esta parte ele tinha imaginado que aconteceria, mas não desta forma, e sim de uma forma onde ele sentisse prazer, coisa que não estava sentindo nem um pouco. Ela parou, olhou para ele novamente e, enquanto levantava, lhe disse:

- Hum, delicioso, até melhor do que eu imaginava. Pelo jeito me dei muito bem nessa.

Ele já não sabia o que pensar, até que a viu segurando seu pau com uma mão, e a faca com outra. A última imagem que ele teve foi da faca descendo, em câmera lenta, até atingir a base do seu pau. Daí, apagou...